

ANTIENVELHECIMENTO: FATO OU MITO?

Dr. Regis Cavini Ferreira

Você, caro leitor, vai morrer.

Num processo, espero eu, que não seja longo. E que seja indolor. Mas, sem a menor dúvida, você vai morrer. A menos que você morra num futuro próximo e de causas não naturais, você irá adoecer antes de morrer - provavelmente por diversas vezes.

(Dr. Paul Martin – The Healing Mind – The vital links between Brain, Behavior, Immunity and Disease – St. Martin Press – New York, August 1998)

AFINAL, O QUE É envelhecer?

É comum se associar com esta pergunta imagens de cabelos brancos, de peles enrugadas com manchas senis, assim como de pés e mãos com deformações nas articulações. Ou então ao comportamento rabugento ou intolerante, à perda de memória do mal de Alzheimer, às cadeiras de rodas e aos tristes leitos de hospital.

Eis o que tem sido a velhice. Mas todas estas imagens e idéias fazem sentido. Afinal, milhões de seres humanos terminam os seus dias exatamente assim, no final de um processo que muitas vezes é longo e doloroso.

Ao declínio da condição física se somam outras perdas: a perda das funções familiar e social, o isolamento e o ônus para a família e para a sociedade, o abandono, a falta de recursos de uma aposentadoria degradante. Muitos, ainda, tornam-se em vítimas da ganância e do desrespeito dos mais jovens, quando não de coisas piores. Em resposta a este lado extremamente cruel da vida, elaborou-se em nosso País o **Estatuto do Idoso** (Leia “O Estatuto do Idoso” em “Hormônios na Terceira Idade”) que é extremamente avançado, feito no sentido de proteger aqueles que vão ficando pelo caminho, cada vez mais debilitados e dependentes, às margens da dura estrada desta vida.

A perda de função familiar talvez seja a mais triste de todas as perdas.

Vejam: nossa Cultura, muito mais Mediterrânea que Anglo-Saxônica, é *gregária* por natureza. Mesmo assim, os antigos casarões, onde duas ou três

gerações se cuidavam mutuamente, vão sendo substituídos pelos pequenos apartamentos, pelos *flats*, pelos *apart-hotéis* com serviços especializados ou, então, pelas simples Casas de Repouso, muitas vezes nada mais do que autênticos depósitos de seres humanos esquecidos pelo destino. Locais onde os da *melhor idade* esperam pela chegada da *melhor morte*. Em muitos casos, tragicamente, um bálsamo tanto para os que se vão quanto para os que ficam.

O terceiro milênio não mudou muitas coisas para melhor. Vivemos um mundo de consumismo desenfreado, que gera expectativas que devem ser satisfeitas.

Estas pressionam os mais jovens ao custo da frustração e da sensação do tempo perdido. Os fantasmas das oportunidades perdidas nos assombram. A tensão pelo acerto é tão grande que sua frustração tem alimentado o consumo de drogas alienantes.

O convívio com os mais velhos, antes palco de transmissão de conhecimento, valores e sabedoria, vai se tornando, aos poucos, num aborrecimento a ser suportado, nos adiados fim de semana, em vez de um privilégio a ser vivido. Temos a sensação de que o tempo passa cada vez mais rápido. O tempo nunca é para mais, é sempre para menos. Assim, vivemos uma Cultura da pressa e da rapidez, da instantaneidade das coisas e das relações entre elas. A culpa tende a ser abolida, o que, na verdade, até não é de todo mau assim. Mas quando todos podem tudo sem limites, há algo de moralmente errado com o Sistema: a idéia de que, já que vamos morrer mesmo então podemos fazer absolutamente tudo desde que respondamos pelo que fazemos. Esta responsabilidade utópica, levada ao limite, tem provocado resultados assustadores.

Neste labirinto de exigências e de pressa, de culpas e de alienação perde-se o idoso que percebe, cruelmente, que o mundo do terceiro milênio não foi feito mesmo para ele. No fim de um longo e penoso processo de degenerescência começam os comentários, os lugares comuns repetidos incansavelmente para aliviar as culpas.

Traduzido para uma linguagem simples, isso quer dizer, apenas, que queremos descansar da simples idéia do sofrimento. São familiares ansiosos pela tensão gerada pela indefinição que faz o tempo parar e as escolhas serem adiadas. São familiares que, além de terem de viver as próprias vidas, ainda têm de dedicar aos idosos um tempo e um afeto que já não mais lhes pertencem. Isto, porque a dedicação aos mais jovens já se perdeu há muito e foi substituída pelo grande mercado *das escolinhas infantis para bebês*, cuja maior desculpa é a de favorecer a socialização. Vive-se a ilusão de serem imprescindíveis, caso contrário não haverá socialização, esquecendo-se dos milhares de anos vividos sem elas, com os bebês

nos seios das famílias, com resultados muito melhores. Muitas vezes são meros depósitos infantis custeados pelo poder público, para aliviar a culpa de pais que se dedicam à simples sobrevivência ou à automática tarefa de se realizarem (sem saberem muito bem o que isso significa). Os filhos acabam *tendo*, em vez de *serem*. Por isso, muitas vezes, são simplesmente esquecidos, por estes *ciborgs* do século vinte e um, dentro de automóveis expostos ao sol ou simplesmente nos fundos de escuros estacionamentos. Como tudo tem de ter um nome, este macabro ato de automatismo alienante também tem o seu: “*lapso de atenção*”. Explica o inexplicável, reduz o irreduzível, simplifica o não simplificável e traz a tragédia para o lugar comum da ignorância enfeitada por epítetos médicos. Como se um simples nome justificasse o absurdo.

No seio familiar, os mais jovens continuam, como antes, substituindo os mais velhos. Mas o difícil, para o idoso, é aceitar decisões percebidas muito mais pelas mudanças provocadas em suas vidas do que por satisfações afetivas. No fim, no dizer de um poeta, um idoso e inconformado amigo já falecido, restam, apenas... “*o álbum de retratos e a pasta de documentos.*”

Diante destes estes fatos, diante deste apelo de um mundo que é feito para se curtir a vida, o idoso também é instado a *curti-la* de outra maneira, sob o apelo de fazer, ainda que tardiamente, tudo aquilo que jamais pode fazer antes.

Por isso, é perfeitamente compreensível que se busque pela juventude eterna. Este processo de se adiar o inadiável, de se evitar o inevitável, este desejo de viver eternamente jovem, desaguou na mudança de características culturais usualmente tradicionais.

Havia um instante, na História da Humanidade, em que morrer era percebido como parte da existência. Morria-se por que se vivia, tão simples quanto isso. Então a morte não era vista como um flagelo, ela era tida como algo necessário, até mesmo como um eficaz mecanismo regulador de espaços e de recursos. Entre muitos grupos, a religião cumpria impecavelmente com seu papel suavizador da dureza inexorável da Morte. Dava-lhe, assim, nexo conformista dos mitos das vidas sucessivas rumo à evolução do espírito (sem nunca dizer exatamente o que isso significa), ou mesmo, um tríplice portal para o Inferno, Purgatório ou Paraíso, cognitiva e comportamentalmente perfeitos. Skinner não o faria melhor!...

Aos poucos, a coisa se transformou. O papel da Religião, em nossa Cultura, foi sofrendo mudanças. Outros *deuses* se levantaram para substituir o Insubstituível.

O consumo, a beleza da vida, o exercício pleno da sexualidade, o prazer sem culpa e sem limites, afinal, representam mesmo uma bela evolução. O problema é

que, diante disso, morrer tornou-se num defeito da vida, numa excrescência, numa dissonância na Sinfonia Eterna. Literalmente uma pena! Assim, diante da perplexidade geral diante da absurdez da inexistência e de suas impossibilidades, o Homem atual já não aceita mais morrer. Na Medicina, a luta contra o sofrimento mudou para a luta contra a morte. Não queremos, não aceitamos, não admitimos mais morrer. Como a velhice é a antecâmara da morte, adiar a velhice passou a gozar de um altíssimo grau de prioridade nas preocupações humanas. Daí, o antienvelhecimento.

O envelhecimento pode ser compreendido como a somatória dos processos de redução de eficiência física e mental do ser humano, determinado por mecanismos herdados (genéticos) que acabam por perturbar os processos fisiológicos endócrinos e metabólicos, reduzindo-lhes a eficiência em manter a higidez orgânica. Assim, todo e qualquer recurso que reduza sua velocidade (pois detê-lo é impossível; todos morrem no final!) está inserido dentro da idéia do antienvelhecimento.

Realmente, os recursos disponíveis hoje em dia para melhorar a qualidade de vida do ser humano e retardar a velhice, são impressionantes. Isto por que, agora, todos querem ser eternos e viver como jovens felizes para sempre. Não se pode negar que esta é uma idéia extremamente sedutora que, cultivada com juízo e bom senso, é aquisição de alta qualidade!

Por isso, inúmeros recursos são colocados à nossa disposição para obtermos, se não a juventude eterna, pelo menos algo que a *simule*. Isto é conseguido com grande eficiência. Senão, vejamos apenas alguns exemplos, que representam admiravelmente esta grande Ilusão, pois assim caminha a Humanidade: de esperança em esperança e de ilusão em ilusão...

Cintas especiais modelam nosso corpo devolvendo-nos as silhuetas retificadas ou invertidas pelo tempo. Os espartilhos de ontem foram substituídos pelos tecidos sintéticos de hoje.

Tinturas escurecem o que se tornou branco, além de lhe dar interessantes matizes, tons e brilhos. O que representava a sabedoria adquirida já não é mais universalmente aceito: cabelos brancos? Tinta neles! Apesar de que os descuidos com as raízes capilares, mais cedo ou mais tarde revelam a verdade.

Equipamentos prometem maravilhas de condicionamento físico. Velhinhos em boa forma *detonam* nas esteiras e há notícias de anciões atravessando a nado o Canal da Mancha. Vi, recentemente na TV, uma dupla de velhinhos fazendo

acrobacias incríveis, sendo (projetivamente) aplaudidos de pé por uma platéia emocionada...

Procedimentos estéticos, junto com drogas que agridem o fígado e reduzem a pressão arterial, implantam cabelos e revivescem esquecidos topetes. Quando isso não é possível, inteligentes microtrançados substituem o ciclo natural de nascimento e queda: mercado garantido para os cremes de pentear!

Cremes e poções de mágicos atributos prometem-nos o frescor da juventude na turgidez de nossas peles. A bem da verdade, um dia desses, eu mesmo fiz um teste com um desses produtos hidratantes e fiquei espantado com a agradabilíssima sensação que provocou... Meu braço esquerdo ficou, literalmente, *reidratado*.

Tratamentos hormonais acenam com a recuperação dos músculos perdidos, da solidez de ossos enfraquecidos e da úmida energia dos anos dourados. *Medicamentos vasoativos* promovem esquecidas ereções, rumo a novos desafios e novas perspectivas na vida!... Além do que, implantes de *cartilagens*, de *silicone* e de outras tantas substâncias, arredondam o que se tornou chato e deixam teso o que se tornou flácido.

Eis apenas uma meia dúzia de exemplos que sublinham o que acabamos de dizer.

No entanto, basta uma boa olhada no obituário dos jornais para vermos que a estatística criada pela Grande Ceifadora não tem se alterado substancialmente: só tem aumentado a faixa etária dos ceifados, tragicamente compensado pela morte prematura dos jovens vitimados pelo carrossel da *curtição* sem fim.

Assim, vivendo cada vez mais e melhor, sem que o mundo e a economia se preparem para recebê-los, surge ao longe, um ruído surdo, de verdadeira manada em movimento, que cresce em direção do formidável alarido de uma verdadeira legião de alegres velhinhos determinados a viver *bem* e para *sempre*.

Dizem que, em breve, seremos capazes de viver acima de cem ou de cento e vinte anos. Uáu! Problema dos mais jovens!

Assim, finalmente, vislumbra-se, num futuro próximo, uma nova geração, os novos Matusaléns ávidos pela Eternidade.

Com *tudo em cima*, mas sem saber muito bem para que, mesmo, o *tudo* serve, afinal.